

Como ler relógios

A estrada cumpre-se suave pelo meio da floresta. Evitam-se as povoações, importante é o caminho. Sair de Trás-os-Montes é assistir a um bailado, árvores e água em dança, mais a erva verde que amarelece a cada metro descido. Corre um CD no bólido e a Nina Simone diz que se sente bem. Às tantas, o inferno dá cabo da harmonia. Há um incêndio mal se entra no Minho e um bando de andorinhas foge desorientado, a baixa altitude. Uma delas espatifa-se no vidro do carro, duas ou três escapam por pouco. Agora está a

tocar *The Desperate Ones*. Não pode ser coincidência.

Quando o fumo se dissipajá o caminho vai para a Barragem de Queimadela, entre Fafe

72km



Barragem da Queimadela

e Póvoa de Lanhoso. Martinho Torres mora numa casa no fim duma estrada de terra batida, numa aldeia sem nome nem rede de telemóvel. Aqui montou o seu negócio: a Neoma, editora de livros. Tem 37 anos, cabelo comprido. Num instante, confirma o que a aparência anunciara: «Toquei em bandas, gravei discos. Mas esse mercado está fechado em Portugal. Era a minha paixão, mas agora descobri outra, a escrita.»

Martinho ensinou Português e Francês mais de dez anos, mas não gostava da escola. «Estava desmotivado. Não pelos miúdos, mas pelas burocracias que os professores têm de fazer. Então pensei se era isso que queria fazer até ao fim da vida.» Não era. Em 2003, tinha escrito um livro que acompanhava o CD da sua banda e gostara da experiência. «Quería ser escritor, mas a música já me tinha mostrado que as coisas em Portugal funcionam em circuito fechado. Ou tens uma ideia realmente nova, ou estás tramado. E, há dois anos, tive finalmente uma ideia.»

A ideia era fazer livros que também fossem objectos. «Um relógio que se pudesse ler e pendurar na parede. Depois pensei, já que vou fazer um livro que dá horas, então é melhor escrever sobre o tempo.» Acabado esse trabalho, propôs-se ao segundo volume: *Reflexos*, um livro espelho. Estão, nas suas palavras, «entre o fantástico e o ensaístico». Ambos assinados com pseudónimo, Richard Towers, tradução de Torres e Ricardo, o apelido da mulher.

«Arrisquei, mas não me atirei de cabeça», diz. Pediu um estudo de mercado – «animador» – a produção foi feita numa gráfica alemã. Hoje, tem os seus livros em trezentas livrarias portuguesas. As coisas correm bem e Martinho Torres, ou Richard Towers, já anda de volta do próximo volume, um livro-tabuleiro de xadrez e vai chamar-se *O Desafio*. «Às vezes, dizem-me que isto é uma perversão literária. Respondo que não estou a tirar valor a nada, no máximo estou a acrescentar. Quem critica, normalmente não leu, e é preciso ler para criticar.» E, a propósito disso, larga um conselho. «Se comprarem o livro *Tempo*, accionem só o relógio depois de terminarem a última página. É que o tique-taque pode ser um bocado incómodo.»



Richard Towers é editor de livros multifunções.